

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JÚLIA SILVA SANTANA

**A NECESSIDADE DE FORMAÇÃO PARA A CUIDADORA/BABÁ NA
CONTEMPORANEIDADE: POSSIBILIDADE PROFISSIONAL PARA
O PEDAGOGO?**

URUAÇU-GO
DEZ./2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JÚLIA SILVA SANTANA

**A NECESSIDADE DE FORMAÇÃO PARA A CUIDADORA/BABÁ NA
CONTEMPORANEIDADE: POSSIBILIDADE PROFISSIONAL PARA
O PEDAGOGO?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial de aprovação, na Universidade Estadual de Goiás, Campus Universitário de Uruaçu, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da professora especialista Rosangela Xavier Tavares.

URUAÇU-GO
DEZ./2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS URUAÇU-GO

SANTANA, Júlia Silva.

A necessidade de formação para a cuidadora/babá na contemporaneidade: possibilidade profissional para o pedagogo?

Júlia Silva Santana – Uruaçu Goiás.

Monografia — Licenciatura Plena em Pedagogia.
Universidade Estadual de Goiás (UEG), Uruaçu, GO, 2019. 47p

Orientadora: Professora Especialista Rosângela Xavier Tavares.

1.Contextos e transformações da família ao longo da história: como tudo pode ter começado. 2. Metodologia. 3. Apresentação e análise de dados

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA MONOGRAFIA: A NECESSIDADE DE FORMAÇÃO PARA A
CUIDADORA/BABÁ NA CONTEMPORANEIDADE: POSSIBILIDADE
PROFISSIONAL PARA O PEDAGOGO?

JÚLIA SILVA SANTANA

BANCA EXAMINADORA:

ROSANGELA XAVIER TAVARES

Prof.^a Especialista – UEG - Orientadora da Monografia

CLEONICE DOS SANTOS CABRAL

Prof.^a Especialista – UEG - Arguidora-Membro da Banca
UEG

MARIA FERNANDA DO NASCIMENTO LEME

Prof.^a Especialista – Arguidora- Membro da Banca
CONVIDADA

URUAÇU-GO
DEZ./2019

Agradeço primeiramente a Deus, pois todas as coisas são possíveis graças a Ele que nos dá força, saúde, esperança, coragem, sabedoria e disposição a cada dia. Minha gratidão a minha mãe, pelo incentivo e compreensão nas muitas vezes que me senti sobrecarregada nos três períodos do dia e faltar com os serviços de casa. Ela entendia, e dizia que deixasse essas tarefas que podiam ser feitas depois e concentrar no que era mais importante. Às minhas irmãs que colaboravam nos momentos em que mais precisei, me fortaleceram para não desistir. Ao meu sobrinho que mesmo tão pequeno, entendia a minha ausência em poder ficar tão pouco tempo com ele, mas que esteve sempre presente em meu coração. A minha família em geral, que não me cobrava tanto, pois sabiam que tive um curto período de tempo e não poderia estar presente como queria. Agradeço pelo carinho dos meus amigos, com quem dividi conversas de angústias e alegrias, pelo abraço de conforto, por tantas vezes que me sentia perdida e frustrada; por me ouvirem, estarem dispostos a ajudar, isto significou muito para mim. Um agradecimento aos meus patrões pelo apoio, por compartilharem ideias, são pessoas com quem sempre pude contar. Sou grata imensamente a professora, Rosângela Xavier Tavares (Nena), por ser mais que uma orientadora, por ser paciente por todo esse caminho, por acreditar em mim e me impulsionar a alcançar essa vitória em minha vida, conseguindo ser exemplo de profissional, companheira e firme ao mesmo tempo, minha eterna gratidão. Enfim, agradeço a todos pela colaboração e por estarem presentes, ainda que por vezes distantes fisicamente, sentia sua preocupação, e o desejo para que chegasse ao sucesso. Obrigada por tudo.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar um estudo sobre o trabalho da cuidadora de crianças como possibilidade profissional para o pedagogo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, constituída por um relato de experiência em condição colaborativa. Para coleta de dados foi realizada uma entrevista. Diante da limitação profissional do pedagogo, uma vez que o mercado de trabalho no contexto atual se encontra escasso também para este profissional, daí a necessidade de se pensar possíveis caminhos desse profissional fora do espaço escolar. O estudo teve como suporte o conjunto de ideias e pensamentos dos teóricos Piaget (1973), Winnicott (1983), Cury (2003), Vygotsky (2007), Tiba (2008/2012) cuja linha de raciocínio contribui para o desenvolvimento pleno da criança. Foi analisada a ligação da tarefa de educar e cuidar em uma rotina como processo de integração. O resultado evidencia que apesar dos avanços conquistados, existem algumas dificuldades que interferem para que o trabalho de cuidadora seja uma possibilidade profissional para o pedagogo.

Palavras-chave: Cuidadora. Possibilidade. Profissional. Pedagogo. Família. Educar.

SUMÁRIO

RESUMO	
INTRODUÇÃO	07
1 REFERENCIAL TEÓRICO	09
1.1 Contextos e transformações da família ao longo da história: como tudo pode ter começado	09
1.2 A mulher e o trabalho: uma conquista	14
1.3 Pai e mãe no trabalho, e os filhos?	15
1.4 De babá a educadora, um caminho cheio de transformações	19
1.4.1 Para a pedagoga uma possibilidade profissional?	21
1.5 Pais e pedagogos, não se trata de um substituir o outro	25
2 METODOLOGIA	30
2.1 Estratégias	30
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	31
2.2 Relato de Experiência	31
2.3 Entrevista	34
3.3 Análise dos dados: o que se espera e o que se vive	35
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

Diante do crescimento do número de pessoas que trabalham, é reflexivo pensar que muitas vezes, crianças passam a maior parte do tempo sozinhas em casa enquanto seus pais estão no serviço.

Por haver uma preocupação, nesse aspecto, os pais optam por contratarem uma babá. O presente trabalho proporciona uma visão, da necessidade de formação de quem cuida, sendo esta também uma pessoa que educa.

Esta pesquisa tem como intuito apresentar um estudo sobre o trabalho da cuidadora de crianças como possibilidade profissional para o pedagogo. Inicialmente irá apresentar a trajetória da família ao longo da história. Em seguida, ressaltar o papel da mulher e suas conquistas em relação ao trabalho. Na próxima parte, destacar o caminho percorrido pelas cuidadoras de criança rumo a uma melhor valorização profissional. E argumentar se o cuidado de crianças pode se apresentar como um caminho profissional para o pedagogo.

A metodologia utilizada é a pesquisa descritiva e qualitativa, um método científico que visa ordenar os fatos, coletar dados, partindo das peculiaridades e experiências individuais, focando no objeto analisado, onde será registrado também um relato de experiência.

Este trabalho se justifica diante da limitação profissional do pedagogo, uma vez que o mercado de trabalho no contexto atual se encontra escasso também para este profissional, daí a necessidade de se pensar possíveis caminhos desse profissional fora do espaço escolar.

Visto que são grandes os desafios para conseguir emprego mesmo tendo uma qualificação, temos um dilema: Diante da escassez do mercado de trabalho também para o pedagogo, seria o trabalho de cuidadora uma possibilidade profissional?

O eixo norteador está consolidado nos autores tais como; Piaget (1973), Winnicott (1983), Cury (2003), Vygotsky (2007), Tiba (2008/2012) entre outros. Que nos traz uma base de saberes pedagógicos que vem contribuir significativamente para o desenvolvimento da criança.

A pesquisa está estruturada em 5 subcapítulos. Do qual o primeiro nos traz um recorte histórico, desde as primeiras socializações e formas de organizações do indivíduo as alterações nas famílias nos tempos atuais. O segundo tópico vai se

tratar da mudança, em que a mulher deixa de servir apenas em casa para conquistar o mundo do trabalho e como ela conseguiu realizar isso.

O terceiro tópico vai trazer uma preocupação dos pais e alguns possíveis substitutos destes na sua ausência. O quarto mostra como a babá passou a exercer sua função, o que está envolvido em seu trabalho e porquê o trabalho feito por ela se torna tão importante.

O quinto, sobre a atuação da pedagoga enquanto babá, pontos positivos e/ou negativos na realização desse trabalho. Será comentando no tópico: A integração entre o cuidar e educar. O estímulo, através de uma nova percepção de mundo. O conhecimento de como a criança se desenvolve socialmente, afetivamente e cognitivamente. A habilidades para transformar uma atividade em um momento dinâmico.

O último tópico mostrará como é importante a presença dos pais e que mesmo tendo o pedagogo ali não deve substituir as responsabilidades que eles têm, evidenciando a diferença de papais entre eles.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Contextos e transformações da família ao longo da história: como tudo pode ter começado

A preocupação com a família e suas formas de organização sempre esteve presente no cotidiano social. Para melhor entender a necessidade posta às famílias de uma profissional para cuidar de seus filhos atualmente, a proposta inicial é uma reflexão sobre sua formação.

O ideal de família sempre mudou de acordo com o tempo, o tipo de sociedade, sua organização e suas influências. A fim de auxiliar nesta reflexão partiremos das ideias de duas ciências sobre esta instituição, a Sociologia e a Psicologia.

De acordo com Carnut e Faquim (2014), na Sociologia, família é:

Um grupo que apresenta organizações estruturadas para preencher as contingências básicas da vida biológica e social. Trata-se de uma unidade social básica, ou seja, o agrupamento humano mais simples que existe, por isso a família é a instituição básica da sociedade. (CARNUT; FAQUIM, 2014, p. 63)

Nessa perspectiva sociológica, pode-se entender que sem a família seríamos apenas sujeitos individuais, não haveria a mínima participação em atividades coletivas, provavelmente, nem haveria tais atividades. Tal conceito encontra-se de acordo com o Art. 226 da Constituição Federal de 1988, (2010, p.131) aonde a família é entendida como “base da sociedade”.

Segundo Carnut e Faquim (2014) a concepção de família na Psicologia é:

Um grupo de pessoas, vivendo em uma estrutura hierarquizada, que convive com uma proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre adultos e deles para crianças e idosos que aparecem no contexto. Pode-se também entender como uma associação de pessoas que escolhe conviver por razões afetivas e assume um compromisso de cuidado mútuo, se houver, com crianças, adolescentes e idosos. (CARNUT; FAQUIM, 2014, p. 63)

Diante do ponto de vista psicológico, se os agrupamentos familiares existem hoje, em grande parte é devido à reciprocidade e altruísmo mútuo dos seus integrantes.

O termo família pode ser confundido com algumas ideias como os de casamento e parentesco, porém, mesmo que estejam associados, tem significados diferentes.

Carnut e Faquim (2014) ressaltam sobre tal diferença:

Casamento é o vínculo ou união estabelecida entre duas pessoas, por meio do reconhecimento social, religioso ou governamental, presume uma relação de intimidade. Parentesco é referente à genética, a afinidade por laços de sangue existentes entre gerações, não dependendo nascer necessariamente de um processo matrimonial e de constituição familiar. (CARNUT, FAQUIM, 2014, p.64)

As pessoas confundiam esses termos, pois para haver família, era preciso um matrimônio e os membros nascidos desse casamento formavam então a família. Porém, atualmente, estas podem se formar sem a necessidade do matrimônio e sem gerar parentes de ambas as partes.

Como se percebe espalharam-se novos arranjos familiares, diferenciando a dita “tradicional”, geralmente composta de pai, mãe e filhos, por outros tipos alternativos na contemporaneidade. Nesse sentido nota-se que a entidade familiar apresenta mudanças internas em relação aos indivíduos que a compõe, como também externas, diante das leis sociais.

Ainda para Carnut e Faquim (2014, p.65), “a família vem sendo indicada como elemento-chave não só para a sobrevivência dos indivíduos, mas também para a proteção e socialização”. Se pode entender que é o principal agente de socialização e reprodução dos padrões culturais; é como se ela tivesse proposto modos de pensar e atuar que se transformavam em hábitos, exercendo um significativo papel no desenvolvimento, manutenção e equilíbrio emocional dos seus componentes.

Ao longo do tempo, se pode observar vários padrões de pai, mãe e filhos, bem como suas funções. De acordo com pensamento de Silva (1999), quando o foco é o homem-pai, o poder lhe é entregue, e a mulher-mãe passa a ter uma função secundária, sendo submissa a autoridade paterna; o homem seria então compreendido como superior à mulher.

A família, como processo histórico construído e modificado de acordo com as transformações da sociedade, ajudou para uma nova forma de relação mãe-filho, associando os conceitos e práticas do papel materno, sendo atribuída a mãe à responsabilidade pelos filhos, ligados por sentimentos de ternura, por exemplo.

Sendo assim, de acordo com Badinter (1985),

O papel da mulher deve ser entendido por duas ideias: “relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho; tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe também é mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias”. (BADINTER, 1985, p. 25).

Ariès (1981) descreve o amor materno como instintivo e natural, e o considera como sendo um acontecimento recente dentro da civilização ocidental. Segundo esse autor, o amor materno foi um símbolo construído pela colaboração das expressões médicas, políticas e filosóficas.

O conhecimento trazido da medicina e das novas tecnologias fez surgir diferentes configurações, que de fato, influenciaram e remodelaram o comportamento e o modo dos indivíduos perceberem o mundo. Segundo pensamento de Foucault (1995), os sistemas de valores acompanhando as famílias modificaram a percepção, a memória, a sensibilidade, o comportamento e as formas de relacionamento.

A partir do século XVIII, quando a comunidade passa a se interessar pela criança, por sua sobrevivência e educação, a atenção se volta para a mãe, que se torna um personagem essencial. Segundo os padrões estabelecidos pela sociedade, à maternidade será valorizada ou desprezada, e a mulher classificada como boa ou má mãe (BADINTER, 1985). Desse modo, observa-se a mudança, de maneira progressiva do foco, passa-se da autoridade paterna ao “amor materno”.

As relações matrimoniais, dando destaque à felicidade, ganharam importância para a família. O entendimento social relacionado ao sentimento familiar provocou transformações importantes nas relações entre marido-mulher e pais-filhos (BADINTER, 1985), indicando para um distanciamento da responsabilidade sobre os menores, incluindo todos os envolvidos: pais, Estado e demais instituições e não mais um e/ou outro, como o visto historicamente.

A criança passa, sob a justificativa de aliança, a ser o centro da atenção familiar; a mulher, recolhida ao espaço privado, é coroada a “rainha do lar” e o homem ganha, além do espaço público, a função da responsabilidade com as finanças da família.

Dentro dessas convicções nasce a família moderna, que segue entre duas facetas distintas: a do privado e a do público. O espaço privado desenvolveu então

uma nova forma de reclusão feminina, o que propiciou e redefiniu, em termos de socialização e comportamento, as fronteiras do feminino e do masculino.

Vaitsman (2001), sobre essa problemática, ressalta que:

Socialmente a mulher foi definida como não tendo os requisitos necessários para o mundo público, sua atuação limitando às relações na família, como filha e esposa. Em compensação, o espaço público, domínio masculino, se definiu pelos elementos mundiais, igualitários do mercado e posteriormente da cidadania (VAITSMAN, 2001, p. 20)

Hoje, a dinâmica das transformações dos grupos familiares deve ser observada sob a perspectiva das mudanças no cotidiano das mulheres também, para que não se caia no estereótipo da mulher, símbolo imaginário universal da afetividade, da capacidade de procriar, de cuidar, enfim, de conceber e zelar pela sua prole, fenômenos esses que, no universo social, estão tomados de um sentimento capaz de, por si só, diferenciar e definir o gênero feminino (CARNUT, FAQUIM, 2014).

De certa forma as funções estabelecidas pressionam as mulheres, e não só elas, a supervalorizar a maternidade. Há uma tendência de se amarrar nesse paradigma biológico, que se pretende natural e universal, para sustentar as razões das diferenças entre os gêneros. É nessa linha que muitos pensam que a mulher nasce, e naturalmente, está determinada para o cuidado do filho.

Diante do afastamento de um filho pela mãe, que social e insistentemente é tido como abandono; comportamento que, quando realizado pelo pai, não recebe as mesmas sanções da sociedade, alguns acreditam ficar caracterizada a falta de amor materno. Mas entendendo que a mulher moderna estaria com mais funções no espaço familiar e fora dele, e que não tivesse como permanecer em sua companhia, com quem ficariam seus filhos?

Desde o início, nas diferentes formas de organização da sociedade, a mulher foi explorada, discriminada e oprimida, por conta do gênero e de como os demais indivíduos compreendiam o seu papel social. Era vista apenas como mãe e esposa dedicada ao marido, aos filhos e a casa.

De acordo com Rousseau (2005, p. 150), “a desigualdade entre os sexos, o confinamento da mulher ao espaço doméstico e a inferioridade do sexo feminino possuem como fundamento a natureza e razão”. Seguindo essa linha de raciocínio, entende-se que tudo surgiu na instituição familiar; como já ressaltado o homem é

tido como autoridade máxima, que tem domínio sobre a mulher que não teria voz ativa, deveria isso sim, concordar com suas decisões sem questionar.

Toda pessoa é submissa a alguma autoridade; o comum é se pensar que qualquer sociedade só funciona bem quando há ordem e isso exige um controle, uma administração, do contrário se correria o risco de se tornar um caos. Mas se torna necessária uma reflexão sobre esse conceito.

Mesmo que exista o princípio da chefia e o homem acreditando-se designado para tomar a dianteira na família, não quer dizer que a mulher tenha que estar sujeita a um papel de subordinação. O que acontece é que geralmente, e o tempo não foi capaz de ultrapassar esse costume, os maridos abusam de sua autoridade, apoderando-se como se a mulher fosse um objeto a ele pertencente.

É preciso que se compreenda que a mulher ainda vem sendo desvalorizada. No passado, era supostamente responsável por todos os males da humanidade. Um escrito antigo, chamado Talmude ¹ continha um alerta aos homens: “não conversem muito com as mulheres, pois isso por fim os levará a perder a castidade”. (Acesso em 10 abril, 2019). A partir daí os judeus passaram a ser influenciados pela cultura grega que encarava as mulheres como inferiores. Elas tinham uma posição de desonra, eram desrespeitadas, desprezadas, sem acesso aos templos, muito menos recebiam instruções/ensino.

A felicidade completa seria de conceber um menino; quando nascia um bebê não era estimado se fosse menina. O texto do Talmude traz essa percepção: “feliz aquele que tem filhos homens, e coitado daquele que tem filhas mulheres”. (Acesso em 10 de abril 2019). Para alguns pais ter uma filha era um fardo pesado, deveria lhe arrumar um marido e, além disso, ser pago um dote.

Todavia, diante do preconceito vivenciado por séculos, a situação de inferioridade, a questão de ser posse do pai enquanto menina e ao crescer ser propriedade do marido, foi sendo vencida, embora a duras penas.

Com a Constituição Brasileira, em 1988, foi, pelo menos no papel, sendo reconhecido o espaço e a garantia de igualdade, consolidando várias conquistas para o universo feminino, tanto nos direitos humanos como nos trabalhistas.

¹O Talmude (em hebraico: תלמוד, transl. *Talmud significa estudo*) é uma coletânea de livros sagrados dos judeus,^[1] um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo.^[2] É um texto central para o judaísmo rabínico

1.2 A mulher e o trabalho: uma conquista

Antes de adentrar na preocupação de quem está com os filhos, à pesquisa apresentará uma reflexão sobre como a mulher sentiu a necessidade de conquistar seu espaço também no mundo do trabalho profissional. Pensar que há pouco tempo atrás, as mulheres casadas não podiam sequer trabalhar fora sem a autorização dos maridos pode parecer, mas não é estranho.

As conquistas do movimento feminista foram muitas, incluindo o direito de estudar, de votar, direito à vida, de pertencer a si mesma, assim como os direitos reprodutivos; todos eles resultados de muitas lutas.

Segundo Araújo (2018):

No dia 27 de agosto de 1962 foi sancionado o Estatuto da Mulher Casada que, entre outras coisas, instituiu que a mulher não precisava mais de autorização do marido para trabalhar, receber herança e em caso de separação, ela poderia requerer a guarda dos filhos. (ARAÚJO, 2018, 31)

Sempre foi marcante o desejo da mulher por igualdade de direitos, segurança, autonomia e respeito.

No mercado de trabalho, sofria discriminação e era explorada trabalhando acima de seus limites físicos por até 16 horas diárias, recebendo salários inferiores aos dos homens. Sofreram e ainda sofrem, porém com cada vez mais determinação, lutam pela igualdade alcançando conquistas. Também a legislação vem aumentando sua proteção em todos os campos da vida.

Através da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, veio à consolidação das leis trabalhistas assegurando a mulher o exercício de funções e ofícios e o poder de assumir cargos de autoridade (Constituição Federal, 1988).

De acordo com Nascimento (2010):

O direito do trabalho surgiu como consequência da questão social que foi precedida pela Revolução Industrial do século XVIII e da reação humanista que se propôs a garantir ou preservar a dignidade do ser humano ocupando o trabalho das indústrias. (NASCIMENTO, 2010, p. 31)

Com um olhar sobre a linha do tempo na história verificam-se as conquistas femininas. Em 1915, a Caixa Econômica Federal instituiu um novo regulamento que

permitia a mulheres casadas ter seus próprios depósitos bancários; em 1985 foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, entre outras.

Luciana Genro (2018), em seu artigo Feminismo não é só empoderamento individual, é luta coletiva, lembra que grandes mulheres se destacaram na luta pelos direitos feministas como Simone de Beauvoir, pensadora do movimento feminista que durante a década de 60, promoveu a desconstrução do papel convencional da mulher na sociedade. Laudelina de Campos Melo foi à criadora do primeiro sindicato de trabalhadoras domésticas no Brasil. Rose Marie Muraro, brilhante intelectual que dedicou a vida para construir um mundo livre; publicou livros defendendo os direitos das mulheres entre outras figuras marcantes.

Nota-se o crescimento da independência feminina a cada fase da história. Hoje, muitas delas sustentam sua casa e cuidam da educação dos filhos sozinhas; é significativa a presença feminina nas instituições educacionais sim, mas também, empresariais, políticas e culturais.

1.3 Pai e mãe no trabalho, e os filhos?

Quando o assunto gira em torno da conciliação da mulher no campo de trabalho e suas obrigações familiares, são inúmeras as críticas, reflexões e sugestões, porém por ser uma temática instigante e participativa é como que se não se esgotasse. Daí neste subcapítulo, alguns aspectos vão ser levantados buscando o enriquecimento da pesquisa.

Os pais necessitam trabalhar grande parte das vezes até mesmo para garantir o sustento para sua família, o essencial é alinhar a rotina de trabalho com o cuidado relativo aos filhos.

Vive-se em uma sociedade de consumo. “Os indivíduos são estimulados de todas as formas a consumir ideologias, estilos de vida, sonhos e projetos para o futuro” (GROPPA et al., 2011, p. 35). Atualmente, talvez por esse motivo, nota-se com mais frequência à ausência dos pais na vida de seus filhos.

O mundo capitalista que vivemos exige dos pais que obtenham o melhor para a família. Segundo Brum (2019), faz com que na maioria das vezes, trabalhem longas horas ficando fora de casa o dia todo, até mesmo trabalhando todos os dias da semana, estando o tempo inteiro à disposição do capital.

Todo mundo parece estar bem ocupado, o desenvolvedor de negócios Davi

Mascaranhas de Assis, em blog Saúde-Solução, traz os seguintes dados:

Em 2015, foi feita uma pesquisa com trabalhadores de oito países. Muitos responderam que acham difícil equilibrar o trabalho com as coisas de casa. Alguns motivos que eles citaram foram: o aumento das responsabilidades no trabalho e em casa, o custo de vida cada vez maior e fazer muitas horas extras. (ASSIS, acesso em 20 de agosto de 2019).

O que acontece é que muitas vezes os pais se preocupam demais em garantir o futuro dos seus filhos. O desejo deles é que tenham tudo aquilo que eles não tiveram; muitos não querem repetir o mesmo erro dos pais, que estiveram emocionalmente ausentes na sua infância, então, procuram por vezes de maneira errada, compensar as crianças

É comum, segundo Alves (2014), os pais tentarem compensar o tempo não gasto com seus filhos com presentes, passeios, entre outros. Porém, vale a ressalva que na maioria das vezes, isso tudo não irá substituir a sua presença que, gradativamente vai se tornando mais rara. Como afirma Alves (2014, p. 87), “é nesses momentos de desamparo da criança que se encontra alguns substitutos dos pais, ou seja, substitutos da presença materna e paterna”.

Geralmente quando a mãe e o pai trabalham, em grande parte das vezes, pedem ajuda aos avós para cuidar dos filhos, que se apresentam como a solução para sua ausência. Como é destacado por Tiba (2012, p.180), “a disposição dos avós de ouvir a criança é diferente. Portanto, eles podem desempenhar um papel complementar na educação”.

Esse afeto disponível que eles têm é importante, visto que os pais se encontram tão atarefados que não tem tempo para passar a cultura familiar como os avós fazem, contando histórias da família aos netos, por exemplo. Lembrando sempre que a educação é responsabilidade dos pais.

Mas há uma situação contraditória enfrentada na dinâmica familiar, “os pais proíbem, os avós permitem. Os pais cortam a mesada como castigo, os avós dão trocadinhos que rompem com esses esquemas”. (TIBA, 2012, p.179).

Os avós não sofrem consequências imediatas dessas violações, eles não ajudam muito nessa dificuldade da criança entender o significado do não. Às vezes, discordam da correção dada pelos pais, considerando-os rígidos ou “frouxos” demais.

Os pais criticam essa atitude sem perceber que é natural que os avós ajam de uma maneira diferente das deles. Os avós vivem em outro momento de vida e observam a família de uma perspectiva diferente. Os pais têm que levar em consideração a experiência de vida de seus pais, dando espaço para diálogos e críticas construtivas.

Pode acontecer também que os avós não tenham tanta disposição, principalmente devido à idade. Em outra tentativa, os pais recorrem a um familiar mais próximo; se não houver algum adulto com quem se possa deixar os filhos, muitas vezes os deixam com adolescentes, na ilusão de por ser parente o cuidado será maior. Nesse universo, a televisão passa a ser uma aliada.

Sobre isso Tiba (2012) alerta:

Desde pequenas, as crianças ligam sozinhas a televisão e prestam muita atenção em comerciais, que chamam sua atenção por serem alegres, cheios de som, cores e movimentos, com cenários, pessoas e objetos maravilhosos. Suas imagens, porém, nem sempre são apropriadas a crianças. Entram pelos olhos e ouvidos e passam a fazer parte dos conteúdos da sua mente. (TIBA, 2012, p. 176)

Como a TV faz parte do vínculo familiar, cabe aos pais o cuidado em selecionar o que chega aos seus filhos. Vídeos educativos é uma boa opção, quando usam uma linguagem e estímulo próprio para a idade. Seria mais apropriado que fossem vistos na companhia de um adulto, até para que haja uma interação, fazendo comentários e perguntando o que a criança acha.

Segundo Seber (1991, p.15), “a palavra interação é composta por dois afixos, “inter” e “ação”, o que esclarece sobre seu significado - ação da criança sobre o mundo e ação do mundo sobre a criança”. Diante disso, se pode entender que a criança precisa de um adulto que ajude na formação de sua personalidade.

Outro campo de atenção é o videogame. É Tiba (2012) que ainda alerta:

O que pode representar um problema mais sério do que a televisão é o videogame, principalmente se introduzido em sua vida precocemente. Pior é quando a criança tem contato com aqueles jogos que estimulam a violência ao contar pontos por matar os outros. As crianças menores, em geral, não têm ainda critério para saber quais são os comportamentos aceitáveis ou inaceitáveis, portanto, quando os pais perceberem que elas estão imitando um comportamento inadequado, devem interferir. (TIBA, 2012, p. 177).

Para essa geração e com a internet parece que tudo fica mais fácil para as

crianças, o acesso a jogos on-lines, a vídeos no YouTube e tantos outros aplicativos tecnológicos são cada vez mais fáceis e motivadores. Mas não se poderia deixar de considerar o perigo de os filhos navegarem sozinhos na internet, sem nenhuma orientação; é provado que não é seguro, e com as mídias eletrônicas cada vez mais inovadoras, as crianças ficam super expostas.

Isso pode levar a impulsividade e problemas para lidar com sentimentos, como a raiva, privação do sono, quando esses se tornam dependentes e até mesmo a obesidade, pois passam a maior parte do tempo paradas, sem fazer atividade física. (Mello, 2007)

O pilar da formação da personalidade da criança é formado desde a tenra idade, por isso tem que se ter cuidado, pois como Cunha (2000, p. 14) alerta, “o superego, por sua vez, é um depositário de normas e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula”.

Muitas vezes pelos pais não terem com quem contar para deixar as crianças, acabam ficando com o irmão mais velho, que pode não ser tão velho assim. É como se fosse uma criança tendo responsabilidade de um adulto, o que não seria sensato, ou seja, a criança que não tem maturidade de cuidar de si mesma, ter que cuidar de outra criança.

Os pais contratam domésticas para realizar as tarefas do lar. Vale ressaltar que por lei um menor não poderia ficar só.

Conforme o artigo 133 do Código Penal – Decreto Lei 24/40:

CP - Decreto Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940:

Art. 133 - Abandonar pessoa que está sob seu cuidado, guarda vigilância ou autoridade, e, por qualquer motivo, incapaz de defender-se dos riscos resultantes do abandono:

Pena - detenção, de seis meses a três anos.

§ 1º - Se do abandono resulta lesão corporal de natureza grave:

Pena - reclusão, de um a cinco anos.

§ 2º - Se resulta a morte:

Pena - reclusão, de quatro a doze anos.

Aumento de pena

§ 3º - As penas cominadas neste artigo aumentam-se de um terço:

I - se o abandono ocorre em lugar ermo;

II - se o agente é ascendente ou descendente, cônjuge, irmão, tutor ou curador da vítima.

III - se a vítima é maior de 60 (sessenta) anos (Incluído pela Lei nº 10.741, de 2003).

Exposição ou abandono de recém-nascido

Diante dessa ameaça e pela necessidade de trabalhar os pais acabam por

aumentar a responsabilidade dessa doméstica que então, passaria a servir também de companhia para as crianças, o que pode acabar quase sempre, desenvolvendo vínculos afetivos com essas profissionais.

Mas diante desse contexto há uma problemática, como destaca Alves (2014).

Geralmente, essas pessoas tão queridas, são desprovidas de conhecimentos pedagógicos para acompanhar essas crianças. Algumas, por algum tempo conseguem acompanhar as crianças nas tarefas de casa, mas quando essas crianças passam para séries mais avançadas, falte-lhes o suporte necessário por causa da formação limitada de algumas. (ALVES, 2014, p.28)

Como saber então, qual é a melhor forma de as crianças estarem bem cuidadas, seguras, alimentadas, serem zeladas para seu bem-estar, tendo também condições de auxiliar na orientação educacional e que atendam às necessidades das crianças, adaptando-as a cada etapa de suas vidas? Veremos no próximo tópico.

1.4 De babá a educadora, um caminho cheio de transformações

Observa-se que em um período de tempo, pessoas estiveram envolvidas no cuidado auxiliar das famílias com as crianças. Nas famílias ricas, geralmente os gregos e romanos contratavam pessoas para supervisionar a criança, servindo de ajudante. Um exemplo foi Aristóteles que foi tutor de Alexandre o Grande, ensinando temáticas lógicas e o direcionamento ao conhecimento de ciências exatas e humanas.

Entende-se que as crianças eram amparadas e protegidas por seus tutores, que tinham a incumbência então de zelar e proteger seus bens. Mesmo os pais sendo os principais educadores, era o tutor que ensinava como se sentar, se comportar a mesa, manter uma boa conduta e uma postura respeitosa, acompanhava à escola, supervisionando seus estudos. (HOSOI, 2010)

Olhando para a história, vemos que o papel materno muitas vezes não era exercido diretamente pela mãe biológica. Falando das crianças nobres, na Idade Média, Diniz, na revista *Crescer* (2013) afirma que, “os bebês eram amamentados por mulheres que não eram a mãe, chamadas de “amas de leite” e essa separação poderia durar até seis anos, voltando ao convívio familiar”. (DINIZ, 2013, p.12)

Inicialmente no Brasil essa função era das índias, o aleitamento materno era parte de sua cultura, enquanto que para as mulheres brancas não se considerava um ato nobre, sendo estigmatizadas até “indignas” para tal ato. Logo, as índias passaram a ser rejeitadas, a partir daí foram trazidas mulheres africanas e escravas para amamentarem e cuidarem dos filhos das damas. (MAISTRO, 2005). As crianças por sua vez, estabeleciam afetividade maior com as amas e criados do que com a própria família, o que não é de se estranhar.

O vínculo afetivo desenvolvido com a criança é importante, pois segundo pensamento de Winnicott (1983), a base mental é formada na infância, nos primeiros anos de vida. O bebê adquire confiança no mundo e no ambiente em que lhe é proporcionado pelas suas experiências que são vivenciadas e guardadas em sua memória. Isso contribui para o seu crescimento emocional.

Nas décadas de 60 e 70, com a mulher entrando no mercado de trabalho, seria necessário alguém para cuidar de seus filhos. As empregadas domésticas passariam a dormir no serviço, tendo folga nos finais de semana ou a cada 15 dias. (MARPUCCI e CARPEGIANI, 2013). Com isso, percebe-se cada vez mais a figura de uma cuidadora para a criança, especialmente as menores, tendo uma preocupação maior com seu bem-estar e recebendo tratamento de uma babá, que acabou por tornar-se alguém fundamental em um lar.

Novos modelos surgem mulheres com condições menos favoráveis que começam a ver essa situação como oportunidade, algumas vezes deixando sua cidade para ter tal cargo, mesmo que trabalhando por salários mais baixos. Com o tempo e pela necessidade dos pais, esse serviço começou a ser um pouco mais valorizado.

Em vários lugares, a pessoa que tem a função de cuidar de bebês e crianças na ausência dos pais ou responsáveis, recebem nomes como cuidadora, babá e babysitter. O termo “babysitter” apareceu em 1937, seria mais designado para um serviço temporário, cuidando de crianças de outra família. (BRUNELL, 2009). Essa profissional atende em horários e dias diferentes, um curto período de tempo de acordo com a precisão dos pais, não necessariamente todo dia.

Sobre a babá, Paz (2017) ressalta-se que é uma profissional do cuidado, que acompanha as necessidades da criança ligadas à alimentação, segurança, saúde, entretenimento e aprendizado. Mas diante da responsabilidade em questão percebe-se que é um trabalho que necessita formação, pois além da pessoa ter experiência

mostra-se a importância de formação também. Algumas babás optam por fazerem cursos, pois podem surgir situações adversas, imprevistos, alguma emergência, acidentes domésticos, exigindo-se destas uma qualificação mais completa.

É essencial que essa profissional tenha ética, firmeza, habilidade e criatividade para envolver as crianças em atividades educativas, muitas vezes através de brincadeiras.

Os pais acreditam que não contratam alguém para deixar seus filhos verem televisão por longas horas, que prezem pela educação e desenvolvimento de suas crianças. Quando a babá consegue criar um ambiente saudável e lúdico, isso fortalece a construção do conhecimento integral da criança.

Até na forma de conversar a criança aprende, então se uma pessoa não sabe se comunicar bem com ela, pode gerar um comportamento negativo, como se não estivesse sendo entendida.

Freire (2005, p. 96) reforça que “somente o diálogo, que implica um pensar crítico; é capaz também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”. Entende-se assim que o aprendizado da criança se tem antes dela frequentar a escola; é através da interação que ela aprende e desenvolve suas potencialidades (VYGOSTKY, 2000).

A babá no contexto atual, além de desempenhar atividades da rotina da criança como, por exemplo, levar as aulas de ballet, natação, futebol, colocar para dormir, entre outras, também educa. Ela assume a tarefa de ensinar a criança a ter ética, constrói valores, posturas comportamentais e se algo que as crianças fazem não está sendo correto, pode ajudá-la a pensar qual é a melhor forma de agir, se aquilo está mesmo sendo o correto. (CHAMAT, 2008)

Há assim uma relação entre o cuidar e o educar, dois elementos importantes que caminham juntos fazendo-se necessária uma maior formação e habilidade daquela que cuida.

1.4.1 Para a pedagoga uma possibilidade profissional?

Com os afazeres do dia a dia pode ser que os pais acabem não tendo muito tempo para se dedicar ao cuidado e educação dos filhos, embora seja o seu papel; passar tempo com os filhos, fazer coisas juntos, ouvi-los. É importante entenderem que essa é uma necessidade dos seus filhos, esse momento que passam juntos é

valioso. Mas como isso na maioria das vezes não é possível optam por escolherem uma babá, mas essa é uma tarefa que exige cuidados, pois a princípio, não deveriam deixar seus filhos com alguém que não conhecem intimamente.

A criança depende do meio externo, das trocas de relações com o ambiente em que as cercam. E a pessoa com que ela passa a maior parte do tempo ativa, geralmente não são com seus pais, são com as babás.

Segundo Vinha e Tognetta (2009):

Será durante a convivência diária, desde pequena, com o adulto, com seus pares, com as situações escolares, com os problemas com os quais se defronta, e também experimentando, agindo, que a criança irá construir seus valores, princípios e normas. (VINHA; TOGNETTA, 2009, p.527)

Sendo assim, para auxiliar os pais é sensato pensar bem ao contratar alguém para ficar com seus filhos na sua ausência, pois esta pessoa estará contribuindo para o desenvolvimento de suas crianças.

Ser responsável por uma criança é uma tarefa nada fácil. A criança passa por frustrações por diversos motivos; por falhar em algo, pelas coisas não estarem dando certo, talvez pelo irmão não concordar com a brincadeira que escolheu, por não querer dividir ou guardar seus brinquedos, por não colocar as coisas que pegaram no seu devido lugar, por ser chamada a atenção por jogarem lixo no chão. A criança te responde de uma forma não apropriada, ela bate, fala alto, ou seja, da birra.

Entendendo que a criança, passa por fases de acordo com cada faixa etária, Vygotsky (2007) explica que:

O pensamento e a palavra não são talhados no mesmo modelo: em certo sentido há mais diferenças do que semelhanças entre eles. A estrutura da linguagem não se limita a refletir como num espelho a estrutura do pensamento; é por isso que não se pode vestir o pensamento com palavras, como se de um ornamento se tratasse, sofre muitas alterações ao transformar-se em fala. Não se limita a encontrar expressão na fala; encontra nela a sua realidade e a sua forma. (VYGOTSKY, 2007, p. 125)

Uma profissional que entende sobre o desenvolvimento infantil refletiria na melhor forma de agir diante de momentos complicados. Há de pensar atividades, brincadeiras para as crianças aprenderem a lidar com o fracasso e desenvolverem

habilidades. Diante de uma frustração, por exemplo, pensando pelo lado positivo, ajudaria a desenvolver a resiliência que é a capacidade de lidar com situações difíceis.

A criança deve entender que suas ações têm consequência, quando elas agem de uma forma errada os resultados serão negativos. Isso é necessário para sentirem-se responsáveis pelo o que aconteceu, todo estrago tem um custo. Quando a criança falha, pode se ter uma conversa ajudando-a a pensar de que forma pode fazer para evitar que a situação aconteça novamente, em vez de ficar pensando de como foi injusto o que aconteceu.

A infância é um eixo principal para formar a personalidade da criança. É nessa fase que ela está construindo sua identidade. Nos primeiros anos de sua vida, vai definindo seu padrão cognitivo, emocional, suas atitudes hábitos e comportamentos. (PIAGET, 1973)

A formação da personalidade é um processo que evolui e que depende das primeiras etapas para sua estrutura e desenvolvimento. Os valores são importantes nos anos iniciais de uma criança. Isquierdo (2005) diz “os valores são os eixos fundamentais que orientam a vida humana e constituem a chave do comportamento das pessoas”. (ISQUIERDO, 2005, p.5)

Alguns fatores influenciam na formação da personalidade da criança, “Só a palavra acesa no dinamismo da voz e da fala personalizantes tem a força e a capacidade para despertar humanidade naquele que ouve”. (ISQUIERDO, 2005, p. 21). O ambiente que a criança está inserida, o que ela vê e ouve, e o que e com quem aprende pode determinar seu comportamento.

Assim como mostra Zagury (1993), estamos vivendo numa crise de valores, os pais se esforçam para conduzir com ética um espaço que seja para a construção da moral. Assim, seria bom que as crianças recebessem a atenção devida, uma vez que as boas maneiras começam em casa, pelo menos deveriam.

Como mostra o RCNEI (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento

das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, p.23)

Acredita-se que uma pedagoga entende o sentido da educação, assim com seu conhecimento e didática tende a criar situações de aprendizado, pode estar ensinando a criança a fazer tarefas sozinhas, como amarrar o cadarço, cuidar de seus pertences, até mesmo o banho pode se transformar em um momento educativo, lúdico, a medida que há interação do adulto com a criança, uma vez que em todo o seu cotidiano estará em constante aprendizado.

Pode ainda efetivamente ensinar a criança em seu dever de casa, estudar com ela para as avaliações. Ressaltando que essa parte por muitas vezes não agrada a criança, “estudar é chato” talvez digam, geralmente preferem fazer coisas que não exigem muito esforço.

Devido ter esse acompanhamento educacional para as crianças, essa profissional estará preparada para dar orientação e estímulo durante o tempo que estará fazendo suas tarefas escolares.

Sempre surge um maior efeito quando a criança aprende de modo divertido, cativante, envolvente. Isso requer da profissional talento, compreensão, habilidades, conhecimento mais amplo e que esteja genuinamente interessada pela criança.

A educação envolve o cuidado, pois ambos estão ligados.

O cuidador precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção à saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional e intelectual das crianças, levando em consideração as diferentes realidades socioculturais. (BRASIL, 1998, p.25).

É preciso ser sensível às necessidades da criança, e estar disponível para ajudar sempre que preciso for.

Kramer ressalta:

[...] O cuidado está pautado na necessidade do outro. Isso significa que quem cuida não pode estar voltado para si mesmo, mas deve estar receptivo, aberto, atento e sensível para perceber aquilo de que

o outro precisa. Para cuidar, é necessário um conhecimento daquele que necessita de cuidados, o que exige proximidade, tempo, entrega. (KRAMER, 2005, p. 82).

Todos os momentos podem ser pedagógicos e de cuidados com as crianças. O pedagogo aprende em sua formação a lidar com o universo infantil e a se comunicar de forma eficiente. Desde as situações de conflitos, ele pode avaliar a circunstância para não reforçar um comportamento ou atitude negativa.

Diante de um campo de trabalho cada vez mais disputado, se abre uma possibilidade profissional para o pedagogo. Seu estudo é valorizado. É compensador contratar uma babá que tenha uma formação pedagógica. Esse profissional qualificado entende das relações de ensino e aprendizagem e associa questões sociais a realidade da criança. Realiza atividades lúdicas que estimulam o desenvolvimento infantil em suas diferentes fases. Atua então em espaços não escolares trazendo uma rica contribuição em sua atual função. Segundo Bussoli (2014, p.588) “o trabalho pedagógico intervém na formação das capacidades especificamente humanas em cada criança que cuidamos e quem educamos”.

As ofertas para a contratação de cuidadora/babá formada em Pedagogia crescem por ser um diferencial notável passando mais segurança aos pais, o ideal é que também esteja capacitada para atender crianças com necessidades especiais.

1.5 Pais e pedagogos, não se trata de um substituir o outro

Partindo do viés que a babá é contratada excepcionalmente para dar orientação educacional à criança, isso irá envolver todo um trabalho voltado para ajudá-la no seu desenvolvimento integral. Daí pode surgir um dilema quanto até que ponto a sua função lhe permite atuar, sem interferir na responsabilidade dos pais de educar.

Entendendo o sentido da palavra educação, definida por Callado, na Enciclopédia Barsa (2001) como:

Processo vital de desenvolvimento e formação da personalidade, a educação não se confunde com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É atividade criadora e abrange o homem em todos os seus aspectos. Começa na família, continua na escola e se prolonga por toda existência. (CALLADO et al, 2001, p.298).

Ou seja, algo essencial que tem que partir da família inicialmente; entende-se então que a educação oferecida pela escola ou por uma cuidadora/babá é algo complementar ao que a criança aprende ou devia trazer de casa.

De acordo com o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990), “a educação é dever da família, e consequentemente devendo o Estado garantir que esse direito chegue a todo cidadão”.

A criança tem por natureza o instinto de obedecer aos pais antes que a outros, mas se passa mais o seu tempo com outro adulto não seria de estranhar que obedecam e respeitem, por exemplo, a babá na sua ausência, daí a necessidade de essa profissional receber orientação. De acordo com Tiba (2008, p. 175), “por mais que seja experiente, ela tem de conhecer o desejo dos pais para que haja coerência entre as atitudes deles e dela”. Assim ficam estabelecidos os limites, até onde vai o envolvimento desta profissional na família.

Como a maioria dos pais passa o dia inteiro fora, pode acontecer que quando cheguem em casa às crianças já estejam dormindo, acaba por não sobrar tempo para estar com seus filhos e oportunidades de ensiná-los, sejam relacionados a valores morais como ao ensino formal. A maior dificuldade é associar a responsabilidade do trabalho e a educação dos filhos, sem sobrecarregar a profissional que fica com as crianças de muitas coisas que não são de sua função.

Fazendo uma analogia², se pensando em uma empresa em que o chefe dá liberdade para o empregado de colocar seu conhecimento em ação, este pode fazer as coisas seguindo o modelo imposto por seu chefe, mas de seu jeito. Já em outras, aqueles que estão na gerência esperam que os trabalhadores realizem suas tarefas conforme aquilo já especificamente desde o começo estipulado, como se fosse padronizado.

Da mesma forma toda família tem sua cultura e seus valores, a maneira que julga a certa a ser seguida. A cultura dos pais não é a mesma em que a babá foi criada; os pais possivelmente têm seu jeito próprio de repassar aos filhos, ensinamentos, métodos de correção de erros ou algo parecido, entendendo-se então que cada família teve uma criação diferente. Deve existir assim um equilíbrio,

²Analogia é uma relação de semelhança estabelecida entre duas ou mais entidades distintas. O termo tem origem na palavra grega “analogia” que significa “proporção”, ou seja, relação de semelhança entre coisas ou fatos distintos.

onde a babá tem liberdade com as crianças, mas também respeita a cultura da família em que está inserida.

A ausência dos pais não deve ser compensada pela presença da babá, pois a figura do pai, por exemplo, é importante para a primeira fase da vida mesmo que alguns achem que não, acreditando que é a mãe que deve ter todos os cuidados com o filho pequeno, o que seria engano pensar assim. Segundo pensamento de Tiba (2008), o recém-nascido aprende pelas sensações. Um bebê ao ser tocado, abraçado, registra aquela sensação; o carinho, a voz e a imagem do pai. Sendo assim, a participação tanto do pai como a da mãe é igualmente fundamental.

Pode-se fazer uma comparação do mesmo modo que os animais, mesmo já tendo o instinto natural, precisam aprender experiências com seus pais para sobreviver, os filhos têm essa dependência grande e intensa “porque as experiências aprendidas são mais importantes do que as instintivas”. (CURY, 2003, p.22).

Seria bom que pais e filhos dialogassem como amigos. Quando não se tem comunicação é como se vivessem ilhados, sem conselhos os planos tendem a fracassar. Raramente os pais comentam sobre suas mágoas, seus dias mais tristes, dificuldades no passado o que é de se lamentar, pois com esse tipo de conversa os filhos entendem que para chegar ao sucesso na vida, semelhantemente poderão passar por conflitos, podendo estabelecer uma preparação mental para lidar com possíveis frustrações que possam surgir em seus caminhos.

A criança precisa aprender simplesmente que a palavra “sim” signifique sim e o “não”, não. Cury (2003) fala mais um pouco sobre ter consciência dessas expressões:

Saber a diferença entre o “sim” e “não” confere a criança o poder de decisão sobre sua escolha, poder que alimenta sua autoestima. Portanto, nem o “não”, nem o “sim” traumatizam a criança, mas o mau uso dessas palavras. Os pais podem compreender mais os filhos se relacionando com eles, a afetividade existente entre ambos gera compreensão. Os pais podem desenvolver a atitude de não se sentir incomodados, desinteressados e nem ter pressa quando o filho o chama ou precise de sua ajuda, embora o pai esteja ocupado pode dizer à criança que espere um pouco que logo ele irá atendê-la. (CURY 2003, p. 79)

O que pode acontecer é que a mãe, por exemplo, em um momento de agitação, não saiba como responder o filho e acaba sendo grosseira.

É Tiba (2012) que ainda ressalta:

Vejo algumas mães cujos filhos pedem para ajudar, mas elas nada delegam sob diversos argumentos: “não perca tempo com isso, vá brincar” (quer dizer que a mãe pode perder tempo e o filho não); “deixe que eu faço, pois você não está acostumado!” (quando é que o filho vai acostumar se não começar um dia a fazer?); “você nunca faz direito as coisas” (eu, supermãe, sou perfeita e você, um incompetente eterno. Esta é a melhor maneira de desenvolver a incompetência no filho) etc. Esses tipos de conduta são um desestímulo à cidadania, à formação da autoestima e ao desenvolvimento da ética. (TIBA, 2012, p.291)

É importante saber usar falas inteligentes diante de cada situação, se o filho já conhece as regras, não precisa lembrar que aquilo está errado ou repetir a mesma coisa toda vez, mesmo que para haver o aprendizado aja cobrança, a mãe pode dizer "você já sabe o que tem que fazer"

Na condição de mãe, algumas nunca atribuíram a terceiros ou mesmo parentes a responsabilidade que se faz também um nobre privilégio, a tarefa de educar.

Continuando, o autor ainda relata:

No entanto admito o fato de que não raro os pais que decidem nunca terceirizar essa missão, precisam envolver outros no convívio de seus filhos, pelo menos por algum período, quer diário, quer semanal. Sendo estes avós, babás ou instrutores. E reconheço estes que de forma indireta participam em educar. Mas por ter o conceito de que a educação como um todo que envolve inculcar valores cabe diretamente aos genitores, que preferem assumir tal responsabilidade agradável. (TIBA, 2012, p.293)

Diante disso, se tem a percepção de como se pensa sobre a forma de educar; são princípios que regem o comportamento, tais como, saber esperar, reconhecer uma desaprovação, ser humilde, compartilhar brinquedos, serem gentis com as pessoas mais velhas, desenvolver o critério do que é certo e errado, organizar e ter responsabilidade com seus pertences, cuidar da higiene pessoal e do meio que a cercam, entre outros. (ÁRIES, 1978)

A paciência dos pais de cultivar bons hábitos nos filhos resultará em benefícios por toda sua vida, eles têm a responsabilidade sobre como devem ser organizadas a condição de vida, a educação e as necessidades de suas crianças.

Há assim uma distinção sobre a educação familiar e a educação completar,

que se aprende nas escolas, ou com as cuidadoras/babás, por exemplo.

Agora falando mais diretamente sobre o pedagogo no processo de educar particularmente uma criança, de acordo com Skinner (1989):

Ele pode reforçar através de brincadeiras, jogos e várias estratégias o conhecimento de mundo, da ciência, da sociologia que envolveria entender como funciona a sociedade, ao raciocínio lógico, as artes, a linguagem, e usar as coisas ao seu redor como recursos de aprendizagem. Tem propriedade para entender as relações entre o indivíduo e o ambiente, entre as ações do indivíduo (suas respostas) e o ambiente (as estimulações). (SKINNER, 1989).

O mesmo autor (1989) acredita que a formulação do comportamento operante pode agir direta ou indiretamente sobre o mundo. Trabalhando também o reforço positivo a criança é condicionada a fazer algo para alcançar o efeito desejado, já o reforço negativo acontece quando da perda, o efeito indesejado para aumentar a probabilidade da resposta do que se espera dele. Entende-se que a aprendizagem está ligada, então, a relação existente entre a ação e seu efeito.

A verdade é que as crianças estão cada vez mais interessadas em ficar assistindo TV ou vídeos na internet ao invés de brincar o que é um perigo, pois as imagens exercem influência nelas, devido aos estímulos externos serem captados e armazenados automaticamente em suas mentes.

O pedagogo em pleno contexto rodeado pela tecnologia da informação e comunicação pode ajudar para unir tais ferramentas a situações de aprendizagem, para a criança, sem que necessariamente ocupe o papel que naturalmente é dos pais.

O que se pretende nesse estudo é estabelecer a diferenciação de papéis entre os pais e as cuidadoras/babás de crianças, ressaltando que aí pode existir uma possibilidade de emprego para o pedagogo.

2 METODOLOGIA

Com a pretensão de descrever uma experiência vivida pela pesquisadora, esta fará uso da metodologia descritiva, alicerçada na relação dessa experiência com o assunto aqui abordado.

Como não se objetiva alcançar números como resultado, mas sim um caminho para uma conclusão sobre o problema levantado, a pesquisa se dará também de maneira qualitativa.

Vale ressaltar que tal assunto não é novidade, pelo contrário, já vem sendo alvo de discussões de estudiosos sobre ele, o que a pesquisadora procurará é oferecer sua visão para a temática.

2.1 Estratégias

O trabalho de campo apresentará um relato da experiência vivido pela pesquisadora, não esgotando as questões levantadas, na realidade trata-se de uma contribuição na discussão de um fato que cresce a cada dia em um mundo globalizado onde está presente a necessidade de atenção por parte dos pais sobre quem é a pessoa que está cuidando de seus filhos enquanto estão trabalhando.

A título de enriquecimento também foi realizada uma entrevista com uma pedagoga que durante cinco anos exerceu a função de babá.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Relato de Experiência

A família é composta por 4 integrantes, pai, mãe e filhos. O pai trabalha em outras cidades, viaja toda semana. A mãe trabalha em mais de três instituições diferentes, sendo também concursada. Eles têm duas funcionárias que trabalham em sua casa, sendo uma que cuida da casa em geral, da comida e eu como babá, que cuido das crianças mantenho suas roupas, caçados e quartos limpos.

Tem muitos animais nesse lar, como cachorros, coelho, preá, jabuti, garnisés e peixes. Uma responsabilidade das crianças é cuidar desses animais, colocando comida e trocando a água; eu os acompanho algumas vezes, mas já conseguem fazer isso sozinhos, sabem que os animais precisam de ajuda para se alimentar e que é importante fazerem isso, pois assim lhes é ensinado que como ao acordar tomam café e bebem água em um copo limpo, os animais também tem essa necessidade, e são dependentes desse cuidado.

É preciso sempre estar atento, pois enquanto arrumo suas coisas, as crianças estão buscando aventuras, mexendo em coisas que não são permitidas. Algo que procuro fazer é trazê-los para perto de mim enquanto trabalho, por exemplo, lavamos objetos juntos, quando passo roupa, construo no quarto uma ponte com o colchão, que vira também um grande escorregador, eles me ajudam na cozinha quando preparo lanche, assim acontece nossa rotina.

Quando comecei a trabalhar com essa família, o bebê (menino) tinha um ano e três meses e a outra criança 4 anos (menina). Minha função era exatamente cuidar do bebê e das coisas pertencentes a ele, pois a outra criança estava na escola nesse período. Chegava à tarde e até o momento do bebê acordar que era um prazo de meia hora, eu já tinha lavado ou passado suas roupas e organizado quarto da outra criança,

Ao acordar, preparava seu lanche, o trocava, e brincávamos, depois já era hora da janta, banho; após era momento de eu ir embora.

O bebê era bem quieto, pouco falava, tinha medo de quase tudo, então tentava brincar de coisas que pudesse superar esse sentimento sem traumatizá-lo, mas de forma divertida. Impressionante, no balanço a cada vez ia um pouquinho mais alto, para ver que não havia problema em querer “voar”, pois percebo que

quando a criança corre perigo de cair de cima de alguma coisa a pessoa adulta que vê já pede que desça já dali, sem saber impedindo de desenvolver sua capacidade de superação, de pular, de sair de uma situação difícil sem se machucar.

Sempre procurei fazê-los entender que quando se pega e utiliza algo (brinquedos), o certo é colocar no lugar de volta, jogar o lixo no cesto, entendia que são pequenos gestos que poderiam ajudar em sua formação cidadã. Embora o bebê falasse pouco não era difícil perceber que compreendia tudo, ressalto que desenvolveu mais rápido sua coordenação, seu equilíbrio, por meio de algumas atividades e desafios, que fazíamos constantemente.

Faço a ressalva que aos poucos comecei a estar cuidando da menina também, ao chegar da escola, sentava com ela para auxiliar em sua tarefa de casa, depois preparava a janta agora para os dois, então como antes, encerrava meu turno e ia para a aula.

Sobre o bebê, procurava trabalhar sua autonomia, comer sozinho, mesmo fazendo um pouco de bagunça, ele gostava, e comia de tudo; escolhendo qual a roupa, ou pijama que usaria

Aos sábados de manhã tinha mais tempo com as crianças para contar histórias, de castelo e de exploradores da natureza. Tinha mais tempo para ouvi-los sobre qual seria a próxima brincadeira, deixava que escolhessem a próxima brincadeira, inventávamos um pouco de tudo. Gostavam, como toda criança, muito de movimento, correr, esconder, de pegar, de cabra-cega. Sempre procurei valorizar o lúdico em meu trabalho com as crianças.

Dependendo da agenda dos pais, algumas vezes trabalhava em período integral, outras vezes só no matutino, embora cada dia parecesse igual, queria torná-lo diferente para as crianças. Um dia desenhar, outro de passear na praça, aproveitava essas oportunidades para ensiná-los algo como, por exemplo, medir a folha para ver qual seria maior, olhar para as diferenças entre as flores em seus tons das mais variadas cores, observar a natureza.

Depois que a família mudou para a casa maior, meu horário de entrada passou a ser às sete horas da manhã, pois as crianças estudariam à tarde. Logo quando chego preparo leite para eles; é uma correria, faço suco, arrumo o café da manhã, quando é preciso também vou à padaria. Procuro, assim que chego, arrumar as coisas logo, deixando tudo organizado e limpo, para depois ter mais tempo com as crianças.

O que acontece geralmente, é que a outra funcionária por qualquer motivo, não possa ir trabalhar, tenho que desempenhar as duas funções, ou seja, me preocupar com a organização e limpeza da casa toda e dar prioridade as crianças, não é uma tarefa fácil, precisa estar em equilíbrio até mesmo emocional para que tudo aconteça da melhor forma.

A outra funcionária, algumas vezes pede minha ajuda em seus trabalhos da escola ou do curso, pois têm dificuldades em redação, matérias que envolvam operações como cálculo e fórmulas.

Já faz três anos que estou trabalhando como babá, mas acabo fazendo um pouco de tudo de acordo com a necessidade do momento, como ir no mercado, levar papeis ou algo que um dos patrões esqueceram, entregar algo na escola para as crianças.

Durante esse tempo vejo como as crianças se desenvolveram, uma que era impaciente e que batia antes de tentar conversar quando se sentia irritada, mesmo um tanto insensível pela dor do outro, agora se importa mais com o próximo; outro que era tímido, nada organizado está mudando aos poucos, o que ajudou foi estabelecer acordos com eles, e lembrá-los que é importante cumprir regras. Já quero aqui destacar o quanto o curso de Pedagogia vem me ajudando neste trabalho.

Quando acompanho a criança maior em suas tarefas, diz que está tendo pesadelos com a Matemática e com o Português. Por vezes quando chego já fez a tarefa com a mãe, em outras está por quase duas horas frustrada por não conseguir fazer o dever, ou lembrar-se da tabuada. Para ela é como se fosse o pior dia da sua vida, principalmente na sexta-feira, como tem nataçãõ, estudo com a Matemática, balé, tudo em um dia só, percebo que se sente sobrecarregada, duas vezes na semana ela tem o curso de Inglês.

Venho trabalhando, especialmente com a mais velha a questão de valores como os sentimentos, manter o autodomínio, a solidariedade, habilidade para lidar com conflitos, fizemos também uma espécie escolinha de reforço para alguns conteúdos básicos, como a tabuada, figuras geométricas, jogos de caça palavras, de força para melhorar a escrita de palavras, e com a criança menor, já introduzindo os números, quantidades, as letras do alfabeto; é uma satisfação ver que já consegue identificar a letra do seu nome como cada letra com que o nome das pessoas próximas começa.

Quando eles têm dúvida faço o possível para ajudá-los através de jogos que nós mesmos criamos, atividades que fazemos contribuem para a memorização, para o discernimento, porém faço questão de deixar um tempo para que brinquem livremente, pois acredito ser esta a melhor maneira de estimular sua criatividade e imaginação.

O curso de Pedagogia ao longo desses mais de três anos vem me dando segurança para desempenhar com profissionalismo meu dever, porém percebo que meu papel de pedagoga para os pais dessas crianças não é assim tão importante. Vejo que para eles o mais importante é que suas crianças estejam limpas e alimentadas e a casa em ordem quando chegam após um dia de trabalho. O curso de Pedagogia não é critério para ser admitida neste trabalho, o fator confiança é o primordial.

Devo registrar que isso me decepciona um pouco.

3.2 Entrevista

Antes da transcrição da entrevista a pesquisadora ressalta que por questões éticas foi preservada a identidade da entrevistada.

1- Por quanto tempo você trabalha como babá? Sempre na mesma família?

Resp. Dos meus 11 anos até meus 25 anos. No meu primeiro emprego como babá trabalhei durante três anos com a mesma família e os outros serviços com a minha cunhada.

2- Em que consistia seu trabalho?

Resp. Tudo que estava direcionado a criança, como por exemplo, arrumar o quarto, juntar brinquedos, acompanhar ao médico. E a mãe pedia para tirar um tempo para ensinar as cores, o alfabeto, números e vogais. Quando a criança chegou a ir para escola já sabia juntar as vogais e conhecia os números, sabia contar até cinquenta.

3- Na época, qual sua escolaridade?

Resp. Os primeiros anos como babá cursava o Ensino Fundamental e depois nos outros serviços o Ensino Médio completo.

4- Com quais crianças você trabalhava?

Resp. As primeiras crianças tinham entre 5 a 10 anos e no último serviço era um recém-nascido.

5- Como era sua relação com elas?

Resp. Relação muito agradável os tinha como filhos, apesar de eu mesma ser muito nova no início. Tudo que eu fazia as crianças tinham que estar presentes, e aos finais de semana, costumava levá-los para minha casa.

6- Qual o perfil da família que você trabalhava? Como era sua relação com ela?

Resp. A maioria era unida, presente em tudo, prestativas em tudo que dizia respeito ao filho. Uma relação muito boa.

7- Eles ajudavam no tocante as tarefas de casa das crianças quando estas adentraram a escola formal?

Resp. A verdade é que sempre deixaram por minha conta este acompanhamento.

8- Em algum momento você sentiu que esperavam que você fosse mais que uma babá? Como descreveria esta experiência?

Resp. Sim, me sentia como se fosse mãe das crianças, tudo que estava direcionado a eles, tanto na questão de saúde, quanto na educação e aprendizagem deles.

9- Hoje você acredita que a Pedagogia seria valorizada por estes pais ou a eles bastava que alguém de confiança tomasse conta de seus filhos?

Resp. De maneira alguma a Pedagogia faria a diferença, o principal para os pais é a confiança e as boas referências. Se for pedagogo é muito melhor, mas se não for eles não se importariam, infelizmente.

10- Para você este trabalho pode ser uma possibilidade profissional para o pedagogo?

Resp. Muito difícil o trabalho de baba se transformar um lugar para o pedagogo trabalhar. Como já falei os pais só desejam alguém com experiência e zelem de seus filhos e se der tempo, hoje em dia, ainda querem alguém que cuide da casa, essa é a verdade.

3.3 Análise dos dados: o que se espera e o que se vive

A pesquisadora foi motivada para aprofundar a relação dos fundamentos teóricos a respeito da educação e cuidado que o profissional cuidador/babá pode dar a criança na realidade a qual vive.

Refletindo sobre o papel dos pais na educação de seus filhos, bem assim como o de uma pedagoga na função de cuidadora/babá é fácil à percepção de que uma das tarefas de mais responsabilidade e maior desafio sempre foi educar um ser humano. (CHAMAT, 2008). Especialmente a mãe pode se sentir insegura e ter dúvidas sobre qual a maneira correta de agir nessa trajetória.

Reconhecendo que no contato do bebê com a mãe, no seu relacionamento com os pais, a criança pode adquirir mais autonomia, desenvolvendo-se em um alicerce, ou seja, sua matriz de identidade fica estabelecida, daí a importância desse contato.

Grande parte dos pais no contexto atual leva consigo alguma lembrança negativa a educação, especialmente com a rigidez disciplinar e não querem seguir o mesmo modelo que tiveram na infância, recordam-se de traumas que carregam fruto da virulência especialmente paterna, pois sua geração viveu temendo a autoridade, intimidada com palmadas, puxões de orelha, beliscões, entre outros.

Os pais por trabalharem fora o dia inteiro sentem a culpa por dar pouca atenção aos filhos, contrapondo a este fato fazem todas as vontades dos filhos.

Algum tempo atrás, as mães deixavam sua vida profissional para cuidar dos filhos, hoje isso não é tão possível, pois os gastos financeiros não são somente responsabilidade do marido.

Muitos pais não conseguem separar a vida profissional da vida familiar e isso interfere no que poderia ser o tempo para dedicar aos filhos. O que pode acontecer é o pai se tornar mais rígido, pois não quer ser interrompido e ainda justifica o trabalho como sendo importante. Com isso os filhos sentem menos o amor de seus pais, coma falta de afeto existe a probabilidade de ficarem doentes, por exemplo, pensando que o trabalho dos pais é mais importante do que eles. Não é tão raro um bebê aparentemente saudável e nutrido, ficar com febre, triste, chamando a mãe e/ou o pai sentindo sua falta.

Na família em que a pesquisadora trabalha, os pais ficam poucas horas por dia com seus filhos, mais durante as refeições e quando são buscados na escola até a hora de dormir, ressaltando que nesse caso os filhos sentem sono cedo, se deitam

por volta das 20 horas.

Como a convivência é pouca, são raros os momentos de se inculcar valores a serem seguidos. A pesquisadora sente que há uma preocupação maior com as crianças, a mãe mesmo em seu curto período de tempo tenta ser mais presente. Faz questão de estar ciente dos detalhes, o que as crianças fazem, procurando sempre que possível estar presente no almoço, conversa com elas, perguntando como está sendo o dia, se comeram direito, do que brincaram e se terminaram a tarefa, ressalta-se que praticamente todas as manhãs, bem cedo, estuda com a filha antes de ir trabalhar, especialmente em dia de prova.

Em sua rotina com as crianças, a pesquisadora busca realizar atividades auxiliem em seu desenvolvam intelectual. Por exemplo, em uma visita ou passeio ao parque, propõe atividades expressando o que aprenderam; as curiosidades dos insetos que estavam ali ou de alguma planta não conhecida por elas, à posição do sol, o clima. Reconhece que a Universidade, especialmente o curso de Pedagogia, vem contribuindo fundamentalmente para que seja capaz de trabalhar com os pequenos uma forma de desenho, painel ou fichário contendo particularidades dos besouros, joaninhas, borboletas, de qual grupo pertencem, enfim didaticamente fazer com que aprendam e enriqueçam sua visão de mundo.

Essa tarefa ganha sentido pelo envolvimento emocional e impulsiona o desenvolvimento das diferentes capacidades cognitivas da criança, além de cada vez mais exercitem a memória, suas funções psíquicas se fortalecem. O trabalho pedagógico contribui para a formação da capacidade de cada criança que é cuidada e educada em sua plenitude.

A educação se torna importante no processo do desenvolvimento da personalidade. À medida que se torna desafiadora a atividade, mais facilmente a criança se torna capaz de entender propostas mais complexas intelectualmente. Quando se atribuir significado a ação da criança, ela entende o porquê e para que das coisas, se esforça para alcançar seus objetivos ficando consciente da sua conduta.

Como mostra o RCNEI (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude

básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, p.23)

Levando em consideração que o educar acontece o tempo todo, ou seja, de forma contínua no convívio com o outro e se estende por toda a vida, é preciso orientar com o propósito de possibilitar o crescimento da criança.

Sobre quem fica com a criança para cuidá-la de maneira profissional, torna-se necessário aliar o cuidado com a educação. Ainda o RCNEI (1998) ressalta:

O cuidador precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção à saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional e intelectual das crianças, levando em consideração as diferentes realidades socioculturais. (BRASIL, 1998, p.25).

A pesquisadora percebe na família em que trabalha que a preocupação maior está relacionada nos cuidados com a alimentação, higiene e proteção das crianças. Algo que é prezado também é que se estavam vestidos para a escola na hora certa, com os cabelos penteados e prontos para almoçar, sua mochila organizada de acordo com a atividade do dia, natação, balé, o lanche preparado e colocado na lancheira, seus quartos sem bagunça. O pai pede para que as crianças não vejam tanto TV, por isso foi estabelecido um horário para seu uso e outro para brincadeiras e jogos de memória, quebra-cabeça, dominó, por exemplo.

Sobre o envolvimento do pedagogo no processo de educativo da criança, de acordo com Skinner (1989):

Ele pode reforçar através de brincadeiras, jogos e várias estratégias o conhecimento de mundo, da ciência, da sociologia que envolveria entender como funciona a sociedade, ao raciocínio lógico, as artes, a linguagem, e usar as coisas ao seu redor como recursos de aprendizagem. Tem propriedade para entender as relações entre o

indivíduo e o ambiente, entre as ações do indivíduo (suas respostas) e o ambiente (as estimulações). (SKINNER, 1989).

Apesar de saber que está se preparando a cada dia para a atuação pedagógica, desenvolvendo habilidades para ensinar, ensinando tarefas como a tabuada ou sanando alguma dificuldade que as crianças tenham relativas a sua vida escolar, a pesquisadora percebe que as próprias crianças que cuida não a encaram como professora, mas sim como alguém que está ali a disposição deles, levando a menor ao banheiro, dando-lhes banho, os levarem para passear, brincar ou encontrando seus brinquedos perdidos.

Aos sábados, o pai usa seu tempo livre para estar com as crianças, para brincar com elas levar para um passeio, ajudar na horta, cuidar dos animais entre outras programações. Por outro lado, tanto eu como a outra funcionária, aproveitamos esse tempo para organizar e limpar as coisas, principalmente após uma noite de festas e/ou churrasco.

Quando foi perguntado à entrevistada se em algum momento sentiu que esperavam que fosse mais que uma babá e como descreveria esta experiência, relatou que sim, pois chegou a sentir como se fosse mãe das crianças, tanto na questão de saúde, quanto na educação e aprendizagem deles. Nota-se uma afetividade maior da criança pela babá, através do carinho por tudo que a babá faz por ele.

A babá passa a fazer parte da família, estabelecendo um vínculo forte, é como fosse um integrante que não pode faltar nas confraternizações, e que seus filhos sempre a querem por perto.

Os pais mesmo estando presentes podem estar mentalmente ausentes, é como viver em mundos distintos, alguns pensam que são bons pais pelo seu salário, pelo preço dos presentes dados aos seus filhos, mas por vezes, o desejo dos filhos pode ser ter algo simples, que dinheiro não compra, como o amor, a atenção e aconchego, fazer coisas divertidas juntas e não em se preocupar de se sujarem.

CONCLUSÃO

O que se pode compreender diante da pesquisa bibliográfica e dos dados obtidos é que embora fosse ideal um profissional com formação pedagógica para atuar na família, isto ainda não é valorizado, o conhecimento desse profissional não é critério de avaliação quando uma família quer alguém para cuidar de suas crianças.

Existe também a questão da desvalorização financeira, pois esse profissional não é pago de acordo com suas habilitações e atribuições. Ihe são impostas que não condizem com sua formação, ressalta-se que são muitas as funções direcionadas a limpeza e organização, assim como pela saúde da criança, o interesse maior é que esteja bem cuidada, sem que o processo educacional seja um critério relevante.

Na família aqui apresentada, há um equilíbrio com o tempo que é destinado aos filhos pelos pais. Mesmo diante de pressões internas e externas, a mãe se mostra firme em suas decisões, o que não acontece em todos os lares, como relatou à entrevistada, aonde todo cuidado que se refere à criança é obrigação da babá, como que eximindo a mãe desse papel, uma vez que foi contratada uma pessoa para ser responsável por isso.

Pelo jeito não é prioridade para os pais ao contratarem uma profissional para estar com seus filhos em sua ausência para auxiliar na educação formal das crianças, apesar de que também esperam que tenham boa formação intelectual, mas segundo eles, isso fica a cargo da escola, se podendo concluir que o indicado é que o pedagogo procure outras possibilidades profissionais.

Bem sabemos que o pedagogo é um profissional capacitado para entender as fases mais complexas do desenvolvimento humano no sentido emocional, intelectual e motor. Como também entender que o ambiente e as pessoas que os cercam são partes significativas e expressivas para o dinamismo de sua aprendizagem.

Um bom profissional renova seus métodos, percebendo a realidade da criança, para que esta tenha uma visão de mundo a partir de suas experiências e assim sendo estruturados seus pensamentos, memórias e afetos.

Conforme o perfil da criança há um direcionamento de aprendizagens; algumas por estarem em processo de alfabetização tem um acompanhamento educacional mais profundo. É interessante ter um mister que possa dar apoio e orientações de estímulo.

Contudo, mesmo o pedagogo sendo apto e aplicado para o cargo podendo ajudar na garantia do bem-estar das crianças, não é exigência da família que a pessoa contratada para cuidar de seus filhos tenha uma formação. A maior preocupação ao contratar alguém pelo o que a família mostra, é que seja uma pessoa com paciência, responsável, que goste de crianças e que tenha uma boa referência.

A maioria das vezes a cuidadora fica mais preocupada pelo fato de ter muito serviço, muita coisa para arrumar e quando finaliza suas atividades já não sobra tempo para exercer uma prática pedagógica, mesmo assim tenta usar oportunidades para novos horizontes, tanto que na família citada no relato de experiência, a mãe tem prazer em ensinar os filhos e não considera como fardo essa parte como alguns outros pais demonstram sendo impacientes acabando por fazer a tarefa dos seus filhos, outras crianças voltam no dia seguinte com as tarefas de casa em branco pelo fato dos pais não terem tempo de ajudar.

Há inúmeras vantagens em ter em seu lar uma cuidadora formada em Pedagogia, entretanto a realidade é que são famílias que querem economizar, mesmo que aja uma preocupação de com quem deixar os filhos quando não estão casa, eles querem receber indicações de pessoas que são “boazinhas” e boas de serviço, e como já pagam uma boa escola para os seus filhos, a educação dos mesmos já está garantida, não tendo muito mais o que oferecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, J. R. P. **A Ausência dos Pais na Vida Escolar das crianças de Ensino Fundamental.** 2014, <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/a-ausencia-dos-pais-na-vida-escolar-das-criancas-de-ensino-fundamental>. Acesso em: 15 set. 2019.
- ARAÚJO, E. **Estatuto da mulher casada comemora 45 anos esse mês.** Curitiba: Inverso, ag. 2007.
- ÀRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2 eds. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ASSIS, D. **Seja organizado - Não carregue o mundo nas costas.** Blog Saúde-Solução. São Paulo: Atlas, 2019.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o Mito do Amor Materno.** Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRASIL. **Decreto Lei nº 2.848. Código Penal. Diário Oficial da União.** Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.
- BRUM, Ariane. **Saúde mental Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas.** v.5 Brasília: Ministério da saúde, 2019.
- BRUNELL, Mirian. **Babysitter: An American History.** New York University Press, Jun. 2009.
- BUSSOLI, M. F. **Desenvolvimento da Personalidade da criança: O papel da educação infantil.** v.19. n. 4. Maringá, 2014.
- CALLADO et al. **Nova Enciclopédia Barsa.** São Paulo: Barsa Consultoria Editorial Ltda, 2001, v. 5.
- CARNUT, Leonardo; FAQUIM, Juliana. **Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família.** JMPHC, São Paulo, v.5 n.1, 02 abr. 2014.
- CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de intervenção psicopedagógica.** São Paulo: Vetor, 2008.
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** 6 eds. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DINIZ et al. **Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações.** v. 3. N 2. p. 3-24. São Paulo, dez. 2013.

Equipe Clik **Babá. Por que contratar uma babysitter profissional formada em pedagogia?** Jan 11, 2017.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder.** In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. (Org.) **Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e a hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 47 eds. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GENRO, Luciana. **Feminismo não é só empoderamento individual, é luta coletiva.** <https://movimentorevista.com.br/2018/01/feminismo-nao-e-so-empoderamento-individual-e-luta-coletiva/>, acesso em 07 de setembro de 2019.

GROPPA, A. et al. **Família e educação. Quatro olhares.** São Paulo: Papirus, 2011.

_____. **História social da criança e da família.** Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

HOSOI, Carla. <https://delas.ig.com.br/comportamento/diadasmaes/mae-x-baba-qual-a-funcao-de-cada-uma/n1596844432374.html>, acesso em 30 de agosto de 2019.

ISQUIERDO, Ciriaco. **Educar em valores.** São Paulo: Paulinas, 2005.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação.** São Paulo: Ática, 2005.

_____. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil.* Brasília, DF, 16 jul. 1990.

MAISTRO, Suelen. **A triste história das amas de leite no Brasil.** Cadernos de História da Ciência *versão impressa* ISSN 1809-7634, v. 8. São Paulo, 4 de jan. de 2005.

MARCUCCI, Cíntia; CARPEGIANI, Fernanda. **A Nova Babá. Crescer.** São Paulo, p.1-4, abril, 2013.

MELLO, Marco Túlio. **Relação entre Sono e Obesidade: uma Revisão da Literatura.** <http://www.scielo.br/pdf/abem/v51n7/a04v51n7.pdf>, acesso em 10 de setembro de 2019

NASCIMENTO, Amauri. **Curso de Direito do Trabalho.** São Paulo: Saraiva, 2010.

PAZ, Iolanda. **Babás tem função pouco definidas no ambiente doméstico**. AUN Agência Universitária de Notícias, ISSN 2359-5191. São Paulo, jun. 2017.

PIAGET, Jean. **A Psicologia**. 2 ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.

_____. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil**. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SEBER, M. G. **Construção da Inteligência pela criança. Atividades do Período Pré-operatório**. 2. ed. São Paulo: Scipione Ltda, 1991.

SILVA, M. A. **Mulheres em conflitos com a função materna na internação conjunta de uma unidade pediátrica: vivenciando o altruísmo**. [HTTPS://core.ac.uk/download/pdf/30361948.pdf](https://core.ac.uk/download/pdf/30361948.pdf). Acesso em 20 de setembro de 2019.

SKINNER, B. F. Behaviorism and Logical Positivism de Laurence Smith. In: _____. **Questões Recentes na Análise Comportamental**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

STUDENT, G. **O que é o Talmud?**

<http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/talmud/home.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

TIBA, Içami. **Conversas com Içami Tiba**. v. 2. São Paulo: Integrare, 2008

_____. **Quem ama educa! Formando cidadãos éticos**. São Paulo: Integrare, 2012.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. **Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores**. Rev. Diálogo Educacional, v.9, n.28, p.525-540, set/dez. Curitiba: Universitária Champagnat, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

ZAGURY, Tania. **Educar sem culpa – A gênese da ética**. Rio de Janeiro: Círculo do livro, 1993

ANEXOS